FACULDADE DE ENFERMAGEM NOVA ESPERANÇA
CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

NATASCHA IRIS GASSMANN

O COMPORTAMENTO FELINO E SUA RELAÇÃO COM HUMANOS: REVISÃO INTEGRATIVA

JOÃO PESSOA
2022

NATASCHA IRIS GASSMANN

O COMPORTAMENTO FELINO E SUA RELAÇÃO COM HUMANOS: REVISÃO INTEGRATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Medicina Veterinária da Faculdade de Enfermagem Nova Esperança como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Medicina Veterinária.

ORIENTADORA: Prof.ª MV. Dra. Nadja Soares Vila Nova

JOÃO PESSOA

2022

G233c Gassmann, Natascha Iris

O comportamento felino e sua relação com humanos: revisão integrativa / Natascha Iris Gassmann. – João Pessoa, 2022.

34f.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Nadja Soares Vila Nova.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) – Faculdade de Enfermagem Nova Esperança – FACENE.

1. Comportamento. 2. Gatos. 3. Domesticação.4. Bem-Estar Animal. I. Título.

CDU: 619:636.7/8

NATASCHA IRIS GASSMANN

O COMPORTAMENTO FELINO E SUA RELAÇÃO COM HUMANOS: REVISÃO INTEGRATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado pelo aluno(a) _____ do Curso de Bacharelado em Medicina Veterinária, tendo obtido o conceito _____, conforme a apreciação da Banca Examinadora.

Aprovado em _____ de _____ de 202___.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof.ª. MV. Dr.ª Nadja Soares Vila Nova - Orientadora

_____

Prof.ª. MV. Dr.ª Islaine de Souza Salvador - Membro

_____

Prof.º. MV. Dr. Atticcus Tanikawa - Membro

RESUMO

O estudo comportamental do gato doméstico engloba desde sua ancestralidade selvagem à sua domesticação propriamente dita. O presente estudo consiste em uma revisão integrativa qualitativa que fez uso de diversas referências bibliográficas em plataformas com acesso a revistas científicas, artigos, publicações e e-books e que se objetivou em apresentar a construção da relação entre homem e felino, a história e domesticação felina, as particularidades do comportamento felino normal, anormal e indesejável, seus meios de interações, comunicações e instintos, e os benefícios oriundos dessa relação a fim de apresentar meios para o aperfeiçoamento da convivência entre essas duas espécies. Apesar da existência de comportamentos não aceitáveis, com a compreensão de sua gênese e etologia felina, pode-se aperfeiçoar a relação humano e felino e ter como resultado um beneficiamento e bem-estar no dia a dia, permitindo uma melhor convivência entre eles.

Palavras chave: comportamento; gatos; domesticação; bem-estar animal.

ABSTRACT

The behavioral study of the domestic cat ranges from its wild ancestry to its domestication itself. The present study consists of a qualitative integrative review that made use of several bibliographic references on platforms with access to scientific journals, articles, publications and e-books and that aimed to present the construction of the relationship between man and feline, history and feline domestication, the particularities of normal, abnormal and undesirable feline behavior, their means of interactions, communications and instincts, and the benefits arising from this relationship in order to present ways to improve the coexistence between these two species. Despite the existence of unacceptable behaviors, with the understanding of its genesis, it is possible to improve the human and feline relationship and result in daily improvement and well-being for both parties.

Keywords: behavior; cats; domestication; animal welfare.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **6**
2 OBJETIVOS **7**
2.1 OBJETIVO GERAL 7
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS 7
3 EVOLUÇÃO FELINA 7
3.1 TAXONOMIA FELINA 7
3.2 SUBFAMÍLIAS PANTHERINAE E FELINAE 8
4 HISTÓRIA FELINA 10
4.1 OS PRIMEIROS GATOS DOMESTICADOS 10
4.2 A CULTURA DA CRIAÇÃO DE GATOS 10
5 COMPORTAMENTO FELINO 12
5.1 PERÍODOS DE DESENVOLVIMENTO 13
5.2 COMPORTAMENTO SEXUAL 14
5.3 COMPORTAMENTO MATERNO 15
5.4 COMPORTAMENTO ELIMINATIVO 15
5.5 COMPORTAMENTO DE HIGIENE 16
5.6 COMPORTAMENTO DE DOMINÂNCIA 16
5.7 COMPORTAMENTO PREDATÓRIO 17
6 COMPORTAMENTOS ANORMAIS 18
6.1 TIPOS DE AGRESSIVIDADE 18
6.2 COMPORTAMENTO DE STRESS 19
7 A INCOMPREENSÃO DO COMPORTAMENTO FELINO 19
8 COMPORTAMENTO SOCIAL FELINO 20
8.1 RELAÇÕES INTRAESPECÍFICAS E INTERESPECÍFICAS 20
8.2 COMUNICAÇÃO FELINA 21
8.2.1 Visual 22
8.2.1.1 Postura Corporal 22
8.2.1.2 Posições Da Cauda 24
8.2.1.3 Expressões Faciais 25
8.2.2 Olfativa 26
8.2.3 Auditiva 27
8.2.4 Tátil 29
9 BENEFICÍOS DA RELAÇÃO HUMANO E FELINO 30
10 CONCLUSÃO **31**
REFERÊNCIAS **32**

1 INTRODUÇÃO

A busca por animais de companhia vem aumentando consideravelmente devido às circunstâncias estressantes do mundo atual. A principal preferência de tutores eram os cães domésticos a razão de seu companheirismo e afetividade, entretanto apesar do pensamento equivocado sobre a falta desses aspectos em gatos, estes estão sendo cada vez mais requisitados na atualidade, graças as suas diversas particularidades comportamentais. “Solto, afetuoso, sereno, cativante, exasperante, elegante, enigmático e até selvagem – o gato foi descrito de muitas maneiras ao longo da sua história compartilhada com a humanidade” (BROWN, 2020).

Algumas teorias apontam o início da domesticação do gato no antigo Egito, porém estudos comprovam que pessoas no Oriente Médio começaram a ter gatos como animais de estimação muito antes dos egípcios. Os primeiros assentamentos no Crescente Fértil entre 9.000 a 10.000 anos atrás criaram um ambiente novo, resultando no aparecimento de ratos em busca de grãos e atraindo os gatos selvagens para essa região em busca de alimento, logo, para permanecer se alimentando de ratos e lixos daquele local, os gatos tiveram que aprender a coabitar com os humanos (DRISCOLL *et al*., 2009).

Os primeiros gatos amigos dos humanos foram verdadeiros gatos selvagens – oportunistas – que gradualmente encontraram seu caminho em nossas casas e corações, então, ao longo de incontáveis gerações, evoluíram para se tornarem domesticados. (BROWN, 2020).

Apesar da sua domesticação, os felinos domésticos ainda permanecem com alguns comportamentos selvagens, que são normais, porém podem ser inaceitáveis e incômodos para os humanos, para melhorar e se adaptar a essa relação é necessário compreendermos os seus instintos (BRADSHAW, 2013).

O estudo da domesticação e comportamento felino é primordial para entender as diversas particularidades do gato doméstico, diante do exposto, o presente trabalho, uma revisão integrativa qualitativa, fez uso de diversas referências bibliográficas em plataformas com acesso a revistas científicas, artigos, publicações e e-books, excluindo resumos de anais e congressos, com o objetivo de aprimorar os conhecimentos sobre os comportamentos felinos para aperfeiçoar o entendimento entre homem e animal gerando uma melhor convivência e expor os benefícios oriundos desta relação.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Descrever os comportamentos felinos normais, anormais e a fim de compreender a relação entre o homem e o felino doméstico como uma forma de aprimorar a convivência destas espécies.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Determinar os comportamentos aceitáveis e não aceitáveis pelo humano;
- Descrever o início da domesticação felina;
- Analisar as atitudes felinas em um ambiente doméstico sem enriquecimento ambiental;
- Expor as diferentes condutas dos tutores frente ao comportamento felino.

3 EVOLUÇÃO FELINA

3.1 TAXONOMIA FELINA

Atualmente são reconhecidas cerca de 38 espécies de felinos, elas são divididas em dois grupos: grandes felinos (Pantherinae) e pequenos felinos (Felinae) (KITCHENER *et al*., 2017). A subfamília Pantherinae é comporta por 2 gêneros (*Neofelis e Panthera*) e a Felinae por 10 gêneros (*Felis, Otocolobus, Lynx, Caracal, Leptailurus, Pardofelis, Prionailurus, Puma e Acinonyx*) apresentados na Figura 1 (WERDELIN, 2010). O gato doméstico (*Felis catus*) é pertencente a subfamília Felinae, gênero *Felis* composta por 7 espécies: *Felis chaus, Felis nigripes, Felis margarita, Felis bieti, Felis silvestris, Felis lybica e Felis catus* (KITCHENER *et al*., 2017).

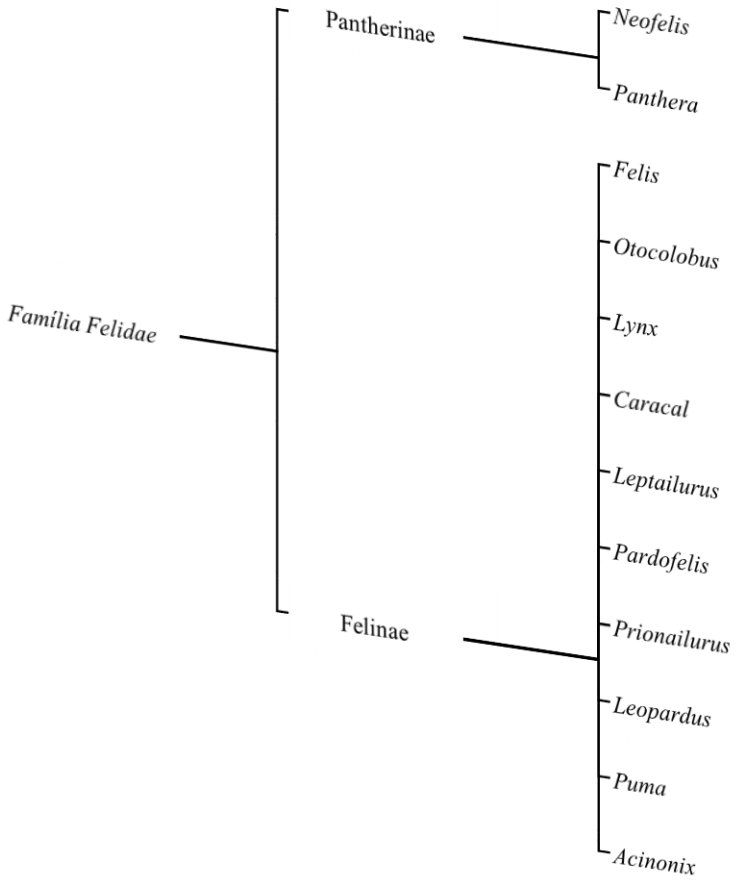

Figura 1 - Filogenia da família Felidae (subfamílias e gêneros). **Fonte:** WERDELIN, 2010.

3.2 SUBFAMÍLIAS PANTHERINAE E FELINAE

Um estudo realizado por Hast (1989), desvendou que a característica principal que separam esses dois grupos (Pantherinae e Felinae) é a estrutura da laringe. Através da dissecação de 26 laringes adultas de componentes das subfamílias Pantherinae (*Panthera onca, Panthera pardus, Panthera tigres, Panthera uncia, Neofelis nebulosa*) e Felinae *(Felis catus, Felis concolor, Felis geoffroyi, Felis planiceps, Felis manul, Felis marmorata, Lynx rufus e Acinonyx jubatus*), que morreram de causas naturais (Figura 2).

Através das dissecções se observou que todas as laringes do gênero Panthera, com exceção da *Panthera uncia* (leopardo-das-neves) apresentam pregas vocais largas e uma grande almofada de tecido fibroelástico presente nelas, devido a essa grande massa as pregas vocais possuem uma frequência natural baixa e ao vibrar irão produzir uma alta energia acústica e desencadear o rugido, por outro lado, nas laringes dos Felinae e da *P. uncia* não a presença dessas almofadas de tecido fibroelástico para aumentar o comprimento e a massa de sua prega vocal resultando em uma transferência de energia menos eficiente.

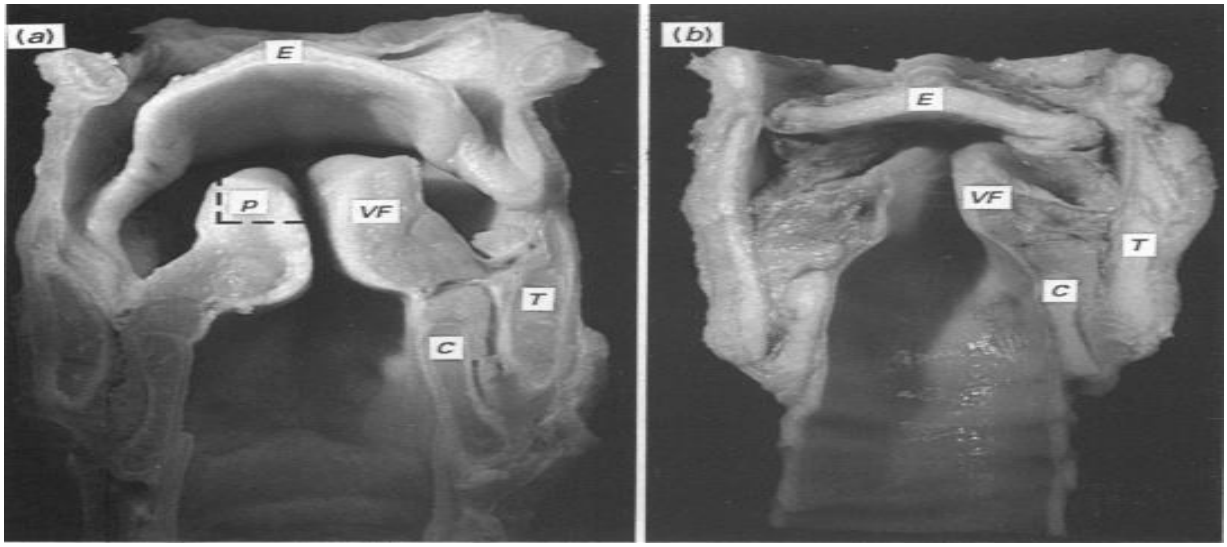

Figura 2 - (a) Laringe *Panthera onca* (onça-pintada) vista pela face dorsal e cortada frontalmente. **(b)** Laringe de um *Panthera uncia (*leopardo-das-neves) de um ponto de vista semelhante. **VF:** Vocal folds (cordas vocais); **P:** Pad of fibro-elastic tissue (almofada de tecido fibroelástico); **E:** Epiglottis (Epiglote); **C:** Cricoid cartilagem (cartilagem cricóide); **T:** Thyroid cartilagem (cartilagem tireoide). **Fonte:** Hast, 1989.

Na vida selvagem, felinos de grande porte (leões e tigres) se alimentam de grandes mamíferos, felinos de médio porte (puma, leopardo e leopardo das neves) peguem presas menores, porém, de várias espécies diferentes e os felinos de pequeno porte tem maior variedade entre mamíferos, pássaros, repteis, anfíbios e insetos. A demanda nutricional dos felinos requer mais proteína que outros mamíferos, logo, em cativeiro, sua dieta deve seguir recomendações de nutricionistas. Em cativeiro, a alimentação dos felinos é a base de carne, logo, não é necessário o uso de suplementos vitamínicos ou minerais, porém a dieta pode ser suplementada com carcaças. Felinos domésticos necessitam de 80 a 90 kcal/kg/dia e sua dieta deve ser alterada com base sua condição corporal, estágio de vida e ambiente em que vive (LAMBERSKI, 2014).

4 HISTÓRIA FELINA

4.1 OS PRIMEIROS GATOS DOMESTICADOS

Segundo os estudos de Driscoll *et al.* (2009), os gatos domésticos surgiram no Oriente Médio. Os autores do estudo avaliaram a ancestralidade de 979 indivíduos através de sua genética, mediram a semelhança do DNA de cada gato, agruparam cada um deles de acordo com essa semelhança e analisaram dentre esse grupo se a maioria vivia na mesma região. Foram identificados cinco grupos genéticos de gatos selvagens, quatro eram de subespécies conhecidas de gatos selvagens de lugares específicos: *Felis silvestris silvestris* da Europa, *Felis silvestris bieti* da China, *Felis silvestris ornata* da Ásia Central e *Felis silvestris cafra* do sul da África. O quinto grupo incluía a subespécie *Felis silvestris Lybica* do Oriente Médio e centenas de outros gatos domésticos, entre eles, felinos de raça pura e mestiça dos Estados Unidos, Reino Unido e Japão.

A genética dos *F. s. Lybica* coletados em Israel, Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita eram indistinguíveis dos gatos domésticos, logo a partir dessa semelhança genética dos *F. s. Lybica* e os gatos domésticos, ficou claro que os gatos domésticos surgiram no Oriente Médio e não em outros lugares que outras subespécies são comuns (DRISCOLL *et al*., 2009).

4.2 A CULTURA DA CRIAÇÃO DE GATOS

A inserção dos gatos em nosso cotidiano se iniciou desde a época do Crescente Fértil no Oriente Médio, quando foram atraídos pela presença de ratos e grãos (DRISCOLL *et al.*, 2009). Há cerca de 5000 anos, através de evidências arqueológicas se observou a domesticação no Egito, os gatos se tornaram uma “Divindade oficial” na forma da Deusa Bastet (Figura 3), um grande número de gatos sacrificados e mumificados foram encontrados em sua cidade sagrada, entretanto, em comparação com os cães, os gatos ainda não são totalmente domesticados, eles selecionam seus próprios parceiros e mantém seus instintos predatórios (BRADSHAW, 2018).

Figura 3 - Deusa Bastet, deusa felina representada através de corpo humano e cabeça do animal. **Fonte:** JANNIE, 2021.

Através de registros arqueológicos e históricos, observa-se que a transformação de um gato selvagem para doméstico percorreu milhares de anos, esses registros encontrados diziam muito a respeito da evolução da relação dos humanos e gatos. Inicialmente se encontrou ratos domésticos preservados em reservas de grãos em Israel 10.500-9.500 anos atrás, que motivaram os gatos selvagens a se reunirem próximos aos humanos em busca de recursos alimentícios. Um sepultamento duplo de um gato e humano na ilha mediterrânea de Chipre com tempo de aproximadamente 9.500 anos atrás, evidencia um relacionamento especial entre ambos (DRISCOLL *et al*., 2009).

Posteriormente uma estatueta de gato em marfim esculpida em Israel comprova a familiaridade em ter estes animais nos assentamentos humanos durante o Crescente fértil (3.700 anos atrás), pinturas artísticas de gatos em Tebas, no Egito, é a evidência mais antiga de um gato já domesticado (3.600 anos atrás), ao se deparar com um grande número destes animais mumificados na cidade sagrada da deusa Bastet pesquisadores deduziram que os gatos tornaram-se sua “Divindade Oficial” (Figura 4) e artes e literaturas evidenciam a chegada de gatos domésticos em toda a Europa cerca de 2.000 anos atrás. (DRISCOLL *et al.*, 2009).

Figura 4 - Gatos mumificados encontrados no Egito em tumbas de 6.000 anos atrás. **Fonte:** GALILEU, 2018.

Na Europa medieval e no folclore japonês, os gatos eram considerados como “demônios e agentes do diabo” e até o século XX ainda havia a preocupação dos gatos “roubarem” o folego de crianças. Devido a essas percepções passadas, algumas antipatias continuam até hoje, como por exemplo, a consideração que gatos pretos causam azar, e até medos consequentes de más experiências durante a infância que podem ser resolvidos ou se transformar em fobias (BERNSTEIN, 2007).

Com o tempo os gatos passaram a ser mais requisitados que os cães, devido a suas características autossuficientes, pois não precisam ser levados para passear, são mais fáceis de cuidar, fazem suas necessidades fisiológicas em caixas de areia, conseguem residir em pequenos apartamentos ficando sozinhos sem grandes problemas, fornecem uma companhia carinhosa e afetuosa importante principalmente para pessoas depressivas e ansiosas, características ideais para proprietários que trabalham por muitas horas (BERNSTEIN, 2007).

5 COMPORTAMENTO FELINO

Com a domesticação dos felinos e consequentemente o aumento da convivência dos mesmos com os humanos, foi possível a visualização de diversos tipos de personalidades. Através da percepção subjetivas de proprietários, inicialmente se classificou três tipos de personalidades que podem ter influência da genética: gatos confiantes e curiosos, gatos tímidos e nervosos e gatos de ambos os tipos, porém mais ou menos ativos que o normal. (BRADSHAW, 2018; MCCUNE, 1995).

Os comportamentos específicos de cada felinos além da influência de sua genética também são definidos pelas experiências e aprendizados ao longo de sua vida, ou seja, a genética irá codificar um comportamento específico, porém sem a experiência ele não se concretiza (MARTIN, 2015). O cérebro felino apresenta áreas maiores dedicadas ao olfato e

equilíbrio, devido a isso acredita-se que eles vivem mais no presente sem relembrar sobre o passado ou planejando o futuro, e por isso podem não sentir sentimento de culpa ou orgulho, porém é possível sentirem saudade de algum indivíduo não mais presente pelo fato do odor permanecer no ambiente, mesmo que imperceptível para os humanos (BRADSHAW, 2018).

5.1 PERÍODOS DE DESENVOLVIMENTO

É possível a visualização de diversos períodos de desenvolvimento dos gatos, através da classificação destes facilita a identificação de mudanças naturais de comportamento em cada período de vida. Vale salientar que o período sensível não faz parte da classificação dos estágios, é apenas indicativo do tempo que o animal está mais propicio para aprendizagem. Os períodos de desenvolvimento são separados em: fetal, neonatal, transitório, socialização, juvenil, adolescente, adulto e sênior (MARTIN, 2015; VOGT, 2010).

O primeiro período é o fetal, ele ocorre no útero da mãe e termina no nascimento. O estado emocional, nutricional e físico da mãe tem impacto direto no desenvolvimento do feto, podendo afetar no seu desenvolvimento físico e psicológico (MARTIN, 2015), caso a mãe esteja desnutrida durante a gestação e lactação, os filhotes podem ter sua capacidade de aprendizagem diminuída, menor habilidade de sociabilidade e aumento dos níveis de medo e agressão (TURNER; BATESON, 2000).

O próximo período é o neonatal, ocorre do nascimento até cerca de 10 a 14 dias de vida, neste período os filhotes são dependentes de suas mães, pois nascem cegos e surdos. Curiosamente, apesar de recomendações para não haver manipulações durante este período para que não aja mudança no odor do filhote, um estudo com gatos siameses revelou que estressores leves, como manuseio dos filhotes por curtos períodos de tempo diariamente pode induzir aumento de resistência e até mesmo aceleração da abertura dos olhos e desenvolvimento de pontos de cor (MARTIN, 2015; MEIER, 1961).

Em seguida temos o período de transição que apresenta duração de 10 a 21 dias e é marcado pelo aumento das habilidades sensoriais e da mobilidade, logo se tornam mais conscientes em relação ao ambiente. No período de socialização, que inicia entre 2 a 7 semanas de idade ou até 10, haverá um aumento da independência do filhote e da interação com o ambiente e outros indivíduos (MARTIN, 2015) O manuseio antes desse período não aumenta a aceitação a humano, entretanto, neste período poderá ter aumento da aproximação (BEAVER, 2003). Também neste período os filhotes começam a se alimentar de rações, em seguida, o desmame e a capacidade de se aliviar voluntariamente (MARTIN, 2015).

A fase juvenil se inicia em torno dos 2 meses de idade até atingir a maturidade sexual, esta fase é considerada como a de jogo mais ativo com objetos, pois se inicia o desenvolvimento de habilidades de caça (MARTIN, 2015), e começam a evitar mais os humanos e novos indivíduos por volta da sétima semana e caso tenha sido bem socializado no período sensível, voltará a se aproximar na décima semana (BEAVER, 2003). A adolescência se inicia na maturidade sexual (fêmeas em média entre 3,5 e 12 meses e machos por volta dos 9 aos 12 meses) e tem fim na maturidade social por volta de 2 a 4 anos de idade, é nesta fase que os machos costumam se dispersar das colônias. Os gatos são considerados adultos na maturidade social até por volta dos 11 anos e pôr fim a fase sênior ou geriátrico é composta por gatos com mais de 12 anos de idade, nesta fase os cuidados com o animal tem de ser aumentados devido a sua idade avançada (BEAVER, 2003; MARTIN, 2015).

Além dos comportamentos provenientes de cada período de desenvolvimento, também podemos observar comportamentos normais e anormais específicos desta espécie, entre os normais podemos identificar: comportamento sexual, materno, eliminativo, de higiene, de dominância e predatório. Entre os anormais temos comportamentos de eliminação inadequados, tipos de agressões e comportamentos de estresse.

5.2 COMPORTAMENTO SEXUAL

As gatas são consideradas poliéstricas sazonais, ou seja, podem apresentar vários ciclos estrais em uma mesma época reprodutiva e que não é contínuo ao longo do ano (BEAVER, 2003). Durante o proestro haverá aumento nas atividades do animal, aumento do allorubbing em objetos, aumento de rolamentos e os amassamentos (conhecidos popularmente como “amassar pãezinhos”), diminuição de agressão sobre machos, porém ainda não será permitida a monta. No início do estro os comportamentos de rolamento serão interrompidos e a fêmea posição de lordose (coluna arqueada ventralmente), com a cabeça próxima ao chão, membros posteriores para cima e cauda levantada e para o lado (Figura 5), torna-se receptiva a monta (BRADSHAW, 2012).

.

Figura 5 - Fêmea no cio receptiva a monta.
Fonte: GASSMANN, 2022.

Para que aja a ovulação da fêmea é necessário a cópula, durante esta o macho irá agarrar a fêmea pela nuca com as mandíbulas. Os gatos são poligâmicos e o estro pode ser criado por vários machos, curiosamente a menos agressões entre os machos quando há uma fêmea no estro. Os machos terão um aumento dos níveis de testosterona por volta dos 3 a 5 meses, e esse aumento irá desencadear o comportamento de monta por jogo, configurando até um tipo de agressão sexual (BRADSHAW, 2012).

5.3 COMPORTAMENTO MATERNO

A gestação das gatas dura cerca de 63 dias, uma semana antes do parto será escolhido um local seguro e quente pela gestante, provavelmente perto de fontes de alimento (BRADSHAW, 2012). Após o parto a fêmea irá lamber seus filhotes para secá-los, em colônias outras fêmeas podem auxiliar na limpeza e secagem dos filhotes após, e estimular a micção e defecação lambendo a região perineal durante as primeiras semanas de vida. As mães cuidarão dos gatinhos, recuperando os que saem vagando pela ninhada e respondendo as suas vocalizações, os gatinhos irão procurar por seus cuidados terão vocalizações de angústia quando sentirem frio ou fome (MARTIN, 2015).

5.4 COMPORTAMENTO ELIMINATIVO

Durante as 3 primeiras semanas de vida a eliminação é estimulada pela mãe lambendo a região perineal e desencadeando o reflexo urogenital, após esse tempo os filhotes irão urinar e defecar sozinhos, e com 1 mês poderão começar a usar a caixa de areia (MARDER, 1997). A micção é caracterizada pelo comportamento de cavar um buraco na areia, agachar para urinar e

depois enterrar a mesma, apesar que podem ter exceções em que o animal não realize esse comportamento de escavação ou enterrar. Problemas com eliminação inadequada é uma das principais causas de abandono, e elas podem acontecer devido a mudanças no ambiente, introdução de um novo animal no ambiente, ansiedade ou estresse e também tensão social no ambiente.(MARTIN, 2015). Vale salientar que a marcação de urina pode ser realizada tanto por machos e fêmeas castrados ou não, porém a prevalência é maior em gatos machos não castrados devido ao seu comportamento sexual e de dominância para marcar território. (HALIP *et al*., 1992).

5.5 COMPORTAMENTO DE HIGIENE

Durante as 2 primeiras semanas de vida, a limpeza é realizada pela mãe, após este tempo os filhotes realizarão por conta própria, a frequência da auto-limpeza tem alta influência dessas experiências provenientes das primeiras semanas. A limpeza é realizada com a língua e os dentes, áreas que não tem alcance da boca são limpas através das patas dianteiras, o gato irá lamber as patas e depois irá esfregar elas nessas regiões. As quatro principais funções da auto-limpeza são: manter a pele e pelagem saudáveis, dissipar calor, comportamento amigável entre os indivíduos (allogrooming) e um comportamento calmante ou comunicativo (um gato em situações de estresse pode se lamber constantemente a fim de se acalmar), por isso uma diminuição ou aumento desse comportamento deve ser identificado e avaliado por um médico veterinário (BEAVER, 2003; MARTIN, 2015).

5.6 COMPORTAMENTO DE DOMINÂNCIA

A dominância entre gatos costuma ter seu topo e base fácil de se identificar, onde no topo ficará o gato territorial, que apresenta maior dominância sobre todos, e na base gatos de classificação mais baixa chamado de párias, vale salientar, que entre eles há um espaço intermediário onde se encontram os maiores dos conflitos entre diversos gatos dominantes e subordinados entre si (Figura 6). A vantagem do gato dominante é a prioridade nos recursos e ambientes, ou seja, ele tem controle em optar pelo que preferir, porém, isso pode ser mudado quando vários subordinados se juntam para conquistar algo em específico ou no caso do acasalamento, onde a fêmea terá a escolha (BEAVER, 2004; CROWELL-DAVIS *et al.*, 2004). Ainda é um mistério o porquê de os subordinados continuarem desta maneira, já que eles têm a opção de deixar o grupo (BRADSHAW, 2016).

Figura 6 - Diagrama representando a organização de dominância de gatos em um mesmo ambiente.
Fonte: Adaptado de BEAVER, 2004 e CROWELL-DAVIS *et al.* 2004.

Os gatos dominantes podem ser identificados através do seu olhar fixo e o endurecimento das orelhas ao se deparar com outro gato, já os subordinados tendem a desviar o olhar, abaixar as orelhas, virar a cabeça, se inclinar para trás e sair do caminho do dominante. Esta relação dominante-subordinado costuma ser pacífica e controlada, entretanto podem ocorrer agressões quando um novo gato é introduzido no ambiente ou quando um residente fica ausente por um longo período de tempo (OVERALL *et al*., 2005; CROWELL-DAVIS *et al.*, 2004).

5.7 COMPORTAMENTO PREDATÓRIO

Como visto anteriormente, os gatos ainda mantêm comportamentos de seus ancestrais selvagens, entre eles, está o comportamento predatório, os mesmos não caçam apenas quando estão com fome, à perseguição às presas é um instinto ou até uma diversão para os felinos. (BEAVER, 2004; OVERALL *et al*., 2005).

Quando criados em um ambiente selvagem, a mãe irá ensinar seus filhotes a caçar, ao completar 1 mês, a mãe irá levar presas mortas para seus filhotes e posteriormente trará presas feridas, porém vivas, afim de ensinar o filhote a manipular, matar e ingerir a presa. O instinto predatório é mobilizado através de algum estímulo visual ou o som de uma possível pressa. Uma parte da energia do gato é reservada para a caça, caso ela não seja consumida se acumulará e a quantidade de estímulo para desencadear o seu instinto diminuirá, consequentemente pés e mãos de tutores que se movimentam se tornam possíveis alvos (BEAVER, 2003).

Para evitar que tutores sejam alvos do comportamento predatório dos gatos, deve-se estimular brincadeiras através de objetos, essas brincadeiras são como caças para eles. Objetos com movimentos espontâneos, que apresentam penas, do tamanho de ratos costumam chamar mais a atenção dos pequenos felinos e "circuitos" com prateleiras e arranhadores dentro de casa para escalarem e se aventurar também são recomendáveis.

6 COMPORTAMENTOS ANORMAIS

6.1 TIPOS DE AGRESSIVIDADE

Uma das formas mais comuns, é agressão induzida por carinho, apesar de ainda se saber exatamente porque ela ocorre. A tolerância ao toque varia de gato para gato, alguns se incomodam no primeiro toque e outros permitem até certo ponto (AMAT; MANTECA, 2019). Este tipo de agressão pode ser evitada se o tutor der atenção ao felino de outras maneiras, cariciando-os por curtos períodos de tempo.(OVERALL *et al.*, 2005).

A agressão redirecionada também ocorre com frequência e pode ser desencadeada devido a um estímulo estressante que está inalcançável (animal por trás de uma janela, barulhos altos ou cheiros irritantes), devido a isso o ataque será redirecionado ao indivíduo mais próximo. (BEAVER, 2004).

A agressividade relacionada ao medo é desencadeada pela baixa tolerância a uma situação amedrontadora para o animal e pode ser associada a falta de socialização, sendo uma tentativa de evitar contato com outro indivíduo que possa oferecer algum risco. (MENTZEL, 2016). A agressão maternal é um comportamento natural de gatas para defender seus filhotes de outros animais ou pessoas desconhecidas, esse tipo de agressão irá diminuir conforme o filhote cresce (CURTIS, 2008). Também temos agressões causadas por irritação, costumam ser provocadas devido ao contato forçado, pela privação de alimento ou devido a brincadeiras que geram frustração para o animal (MENTZEL, 2016).

A agressão sexual consiste nas situações em que o gato apresenta comportamentos de monta nos braços ou pernas dos tutores (CURTIS, 2008). E por fim, temos a agressividade motivada por brincadeiras, os filhotes aprendem a brincar com seus irmãos e sua mãe, caso nunca tenham aprendido antes a moderar essas brincadeiras, elas podem se tornar agressivas ao ponto de causar ferimentos e causar medo no outro indivíduo (OVERALL *et al.*, 2005; RAMOS, 2019).

6.2 COMPORTAMENTO DE STRESS

É comum que gatos sob condições de estresse apresentam inibição dos seus comportamentos normais, ou seja, um animal mais sociável e explorativo passará a se esconder com maior frequência e consequentemente a exploração diminuirá, o seu apetite também irá diminuir (podendo levar a quadros de anorexia), pode desenvolver comportamentos compulsivos (síndrome de hiperestesia felina, alopecia psicogênica e síndrome de "pica"), além de problemas no sistema imunológico e até gastrointestinais. Os comportamentos compulsivos são respostas ao estresse, a síndrome de hiperestesia felina (FHS) é exemplificada por explosões de comportamentos incomuns, coceira severa, corridas desenfreadas, salivação excessiva, vocalização e marcações urinárias. A alopecia costuma acometer na parte caudal do corpo, já a síndrome de "pica" é a compulsão de comer objetos não alimentares como lã, plásticos, tecidos e até fezes. (AMAT *et al*., 2016; BEAVER, 2003; BOWEN; HEATH, 2005).

Para a resolução do estresse é necessário o conhecimento do que o causou, a introdução de um novo indivíduo no ambiente ocasiona disputas de território, até mudanças na rotina ou local de algum móvel pode interferir no equilíbrio do gato, portanto quanto menores forem as novidades, menores as chances do animal ficar estressado. Um ambiente monótono, ou seja, sem enriquecimento ambiental que não contribua para os gatos expressarem seus comportamentos normais provenientes dos seus ancestrais selvagens e um relacionamento pobre entre os felinos e humanos devido a um manejo inadequado através de punições também podem contribuir para o desenvolvimento de estresse em gatos (AMAT *et al.*, 2016).

7 A INCOMPREENSÃO DO COMPORTAMENTO FELINO

O comportamento felino costuma ser incompreendido pela falta de conhecimento das suas diversas particularidades, muitas vezes o tutor não consegue distinguir problemas comportamentais de comportamentos normais que apenas precisam ser moldados.

Segundo Overall *et al.* (2005), problemas de comportamento são a causa mais comum de eutanásia e de abandonos de gatos de estimação, há evidências de uma associação entre o comportamento do animal e o nível de apego do proprietário, a maioria dos animais de estimação entregues a abrigos foram avaliados por um médico veterinário no ano anterior ao abandono. O abandono consequentemente causa superpopulações cooperando com a disseminação de possíveis doenças e zoonoses.

A compreensão dos comportamentos de gatos domésticos é importante para amplificar a relação homem versus felino e para o reconhecimento de doenças físicas e dor através de mudanças no comportamento, por exemplo, um gato que está urinando de maneira inadequada é confundida pelo tutor por “maldade”, porém pode ser indicativo de doença felina do trato urinário inferior, artrite (dificultando a entrada na caixa de areia) ou estresse devido a mudanças em seu ambiente (OVERALL *et al.*, 2005).

Na última década os gatos têm se tornado o animal de companhia mais comum, porém a ciência ainda não deu muita atenção em como eles se relacionam com o ambiente em que a maioria dos distúrbios comportamentais surge, portanto, a classificação e diagnóstico desses distúrbios se baseiam na comparação com outras espécies (principalmente cães), problemas já identificados anteriormente e exploração do senso comum sobre a cognição felina e seu comportamento social (exploração dos seus ancestrais selvagens e contrapartes selvagens) (BRADSHAW, 2018).

8 COMPORTAMENTO SOCIAL FELINO

8.1 RELAÇÕES INTRAESPECÍFICAS E INTERESPECÍFICAS

A partir do deslocamento de gatos selvagens solitários para áreas com proliferação de ratos e grãos em busca de recursos alimentícios, esses gatos consequentemente começaram a formar colônias. As colônias são matrilineares, onde as fêmeas cuidam e criam de seus filhotes que defenderão os recursos da sua colônia. (CROWELL-DAVIS *et al.*, 2004). As mães tendem a afastar seus filhotes machos depois de um tempo para evitar consanguinidade, deixando-os levar uma vida solitária (BRADSHAW, 2013).

Os gatos reconhecem os membros pertencentes as suas colônias e tendem ser agressivos apenas com indivíduos desconhecidos, os mesmos conseguirão apenas se juntar a colônia com muita perseverança e interações graduais. Dentro desses grupos, existem os associados preferidos, são eles os gatos encontrados mais próximos de outros membros da colônia, demostram afeto e cuidado com os outros proliferando o odor da colônia através de contato físico. É comum observar dos associados preferidos toques de narizes, lambeduras em outros gatos na cabeça e pescoço e contato de seus lados e caudas (CROWELL-DAVIS *et al.*, 2004; RODAN, 2010).

A forma como os felinos reagem a determinadas situações tem muita influência de sua experiência de vida e ambiente em que se encontram. A maneira de como um gato se comporta com humanos segue o mesmo princípio, o momento mais determinante para a aproximação de ambas as espécies é durante o período sensível do felino, 2 a 9 semanas de vida, permitindo acesso a experiências positivas na interação e aprendizagem dos mesmos, a falta dessa relação pode predispor a problemas como: nervosismo, agressão e redução de adaptabilidade. A forma de interação proporcionada durante essa fase torna-se fixa depois de um ano de idade. (BRADSHAW, 2017; LOWE & BRADSHAW, 2001). Gatos mais velhos que não tiveram esse contato podem se adaptar a conviver com os humanos, porém será um caminho mais desafiador e árduo necessitando oferecer mais atenção e diversas experiências positivas que filhotes durante o período sensível (RODAN, 2010).

8.2 COMUNICAÇÃO FELINA

Para a formação das colônias, foi necessária uma forma de comunicação entre os felinos para a percepção da possibilidade de convívio entre eles, com o objetivo de minimizar possíveis confrontos. A comunicação entre os gatos é transmitida por meio da combinação dos sentidos visuais (linguagem corporal), olfativos (odores), auditivos (miados) e táteis (RODAN, 2010), requer um remetente, uma mensagem, direta ou indireta (Figura 7), e um destinatário (SEKSEL, 2014).

Figura 7 - Comunicação indireta através do deposito de odores e sinais visuais proporcionados por arranhões no ambiente.
Fonte: SEKSEL, 2014.

8.2.1 Visual

Segundo Bradshaw (2018), os olhos dos gatos são adaptados para fornecer uma visão precisa em ambientes de pouca luz, suas pupilas são maiores, o tapete reflexivo atrás da retina aumenta a eficiência visual, apresentam mais bastonetes (visão noturna) que cones (visão diurna), sendo assim, os gatos são daltônicos para o vermelho-verde e seu cérebro da prioridade ao brilho e movimento do que as cores.

A visão possibilitará que os gatos visualizem e interpretem os sinais de comunicação através das posturas corporais, posições da cauda e expressões faciais. Estes sinais são como uma forma de linguagem entre os felinos, posteriormente entre estes e os humanos, por meio destes que eles compreendem como cada indivíduo se sente naquele momento e como irão encaminhar a interação entre eles.

8.2.1.1 Postura Corporal

As posturas corporais dos gatos refletem de modo geral seu comportamento/sentimento em determinadas situações, observa-se o significado de cada uma delas na tabela abaixo (Tabela 1) . Vale salientar a necessidade das associações de todos os sinais de comunicação, pois suas combinações podem se contradizer, por exemplo, a postura de jogo apresenta características similares a posturas agressivas e predatórias, entretanto a visualização de sinais mais sutis como a expressão facial e velocidade da cauda irá diferenciar o comportamento daquela postura corporal (MARTIN, 2015).

Tabela 1 - Descrição das posturas corporais de gatos correspondente ao temperamento apresentado.

TEMPERAMENTO	POSTURAS CORPORAIS
Gato confiante e relaxado (Figura 8)	• Postura corporal alta e uniforme nas quatro patas; • Animal descansado de lado.
Gato medroso (Figura 9)	• ficar abaixado com o corpo mais próximo ao chão.
Gato agressivo (Figura 10)	• Projeta seu corpo de forma que pareçam maiores, atingindo sua altura máxima; • Pelos levantados (piloereção); • Peso para frente com as patas traseira um pouco mais elevadas que as dianteiras; • Costas arqueadas.

Fonte: SEKSEL, 2014.

Figura 8 - Representação de gato confiante e relaxado.
Fonte: VECTEEZY, 2021.

Figura 9 - Representação de gato sentindo medo.
Fonte: MEUS ANIMAIS, 2021.

Figura 10 - Representação de gato em estado agressivo.
Fonte: CAT CLUB, 2014.

8.2.1.2 Posições Da Cauda

A cauda dos felinos tem como principal função proporcionar o equilibro principalmente durante a caça, entretanto, também é usado de forma a sinalizar e comunicar informações sobre o humor e intenção do animal. Quando o gato está confiante e relaxado sua cauda ficará em posição horizontal balançando suavemente, já em situações de medo, a cauda ficará entre as pernas como forma de se encolher para evitar qualquer conflito e ao se apresentar agressivo a cauda do animal ficará abaixada e balançando de forma rígida ou também pode-se observar uma posição côncava, a cauda se manterá vertical a partir da base e realizando uma curva apontada para o solo. Vale salientar que a cauda em posição côncava também pode ser observada em momentos de brincadeira (Figura 11), logo é necessário a associação com outras características corporais para a interpretação das intenções do animal. (MARTIN, 2015; SEKSEL, 2014).

Figura 11 - Gato em posição de jogo que pode ser confundida com uma posição agressiva. **Fonte:** CASSANDRA, 2017.

8.2.1.3 Expressões Faciais

Quando suas orelhas estão eretas e as pupilas apresentam-se em fenda significa que o gato está em alerta concentrado em um estímulo e calmo (Figura 12), orelhas inclinadas para baixo e para os lados e pupilas dilatadas indica que o mesmo se encontra na defensiva e com medo (Figura 13) e caso as orelhas internas fiquem a mostra e as pupilas permanecem oblongas o gato encontra-se agressivo, porém vale salientar que as pupilas também sofrem alterações com a luminosidade do ambiente (OVERALL, 1997; RODAN, 2010). Observar a intensidade do contato visual também é importante, pois olhares intensivos são em sua maioria agressivos, já o contato visual amigável tende a ser mais suave acompanhado de diversas piscadas a fim de diminuir a tensão entre eles (SEKSEL, 2014).

Figura 12 - Orelhas eretas indicando animal em alerta e pupilas em fenda aparentando que está calmo.
Fonte: GASSMANN, 2021.

Figura 13 - Pupilas dilatadas e orelhas para baixo indicando medo e comportamento defensivo **Fonte:** GASSMANN, 2021.

8.2.2 Olfativa

Através dos odores os gatos se comunicam, coletam informações do ambiente e se reconhecem, isso é possível devido à alta sensibilidade de seus narizes e um segundo sistema de detecção olfativa, o órgão vomeronasal, localizado ente o palato duro e as narinas. Este órgão detecta com maior precisão feromônios e desencadeia o reflexo de "Flehmen" (Figura 14), caracterizado por narinas mais abertas, boca semiaberta e respiração mais ofegante a fim de aumentar a percepção olfativa por ele. (BRADSHAW, 2018). A resposta a odores de urina deste reflexo não é observada em filhotes com menos de 5 semanas de vida, mas a partir da sétima semana irá começar a se desenvolver (SEKSEL, 2014).

Figura 14 - Representação do reflexo de "Flehmen", caracterizado por narinas mais abertas, boca semiaberta e respiração ofegante. **Fonte:** PETZ, 2022.

Os odores são depositados através de glândulas sebáceas possuídas pelos gatos. As glândulas localizadas na cabeça (ao redor dos lábios e queixo) depositam o odor em objetos, outros gatos e/ou pessoas e pode ser acompanhado do ronronar (CROWELL-DAVIS *et al.*, 2004), as localizadas na região interdigital deixam o odor através dos arranhões, e deixam uma marca visual (SEKSEL, 2014), e na área perineal por meio da urina e sêmen (RODAN, 2010). Esse comportamento não necessariamente é com intuito amigável, pode ser apenas uma forma de marcar seu território e proliferar o seu odor (SEKSEL, 2014).

Através do conhecimento da comunicação por meio dos odores depositados pelos gatos, foram desenvolvidas formas de acomodá-los mais rapidamente a ambientes ou inquilinos novos com produtos compostos pelos sinais químicos (feromônios) depositados por eles em seus ambientes familiares (BRADSHAW, 2018; PAGEAT & GAULTIER, 2003). No mercado pode ser encontrado diferentes tipos de feromônios sintéticos (Tabela 2).

O Feliway Friends tem como componente natural o dor secretado pelas glândulas mamarias emitido pelas fêmeas após o parto, é recomendo quando a agressão entre gatos que convivem na mesma residência. O Feliway Classic é composto pelo feromônios excretados pelas glândulas faciais e é indicado para repelir arranhaduras em locais indesejados, no transporte e mudanças de residências, no ambiente das clínicas e em gatis. Por fim, também pode-se encontrar o Feliscratch composto pelo odor secretados pelas garras felinas, é indicado administrar esse feromônio sintéticos em locais que os gatos devem fazer suas unhas, pois o mesmo irá o estimular e atrais para aquele local (HENZEL; RAMOS, 2018).

Tabela 2 - Feromônios sintéticos encontrados no mercado e situações para as quais são indicados.

Análogo sintético	Principais situações para as quais é indicado
Feliway classic®	1. Marcação urinária (*Spraying*) 2. Arranhadura em locais inadequados ("repelindo" do local inapropriado) 3. Hospitalização e convalescência 4. Transporte e mudanças de residência 5. Clínica veterinária (liberado no ambiente) 6. Gatis (abrigos e criatórios) 7. Introdução de um novo gato no ambiente 8. Cistite intersticial
Feliway Friends®	1. Agressão entre gatos convivendo em uma mesma casa (residências multicat)
Feliscratch®	1. Arranhadura em locais inadequados ("atraindo" para o local apropriado)
Adaptil®	1. Ansiedade decorrente de separação 2. *Puppy classes* (aulas para filhotes) 3. Introdução de filhote no ambiente 4. Medo do barulho de fogos de artifício e de tempestades 5. Medo no transporte de carro 6. Clínica veterinária e pet shop (liberado no ambiente)

Fonte: HENZEL E RAMOS, 2018.

8.2.3 Auditiva

Os felinos conseguem ouvir tudo que os humanos podem, exceto notas muito graves que detectam através das "almofadas" sensíveis de suas patas, além da região do "ultrassom" que pode captar chamadas ultrassônicas entre pequenos roedores (BRADSHAW, 2018) e orelhas móveis que ajudam a localizar os sons (RODAN, 2010). Existem três categorias principais de vocalizações: os sons feitos com a boca fechada (ronronar), sons feitos com a boca aberta e fechando gradualmente (tipos diferentes de miados) e sons produzidos com a boca aberta em uma posição relativamente constante (CROWELL-DAVIS *et al.*, 2004).

Os sons realizados com a boca fechada incluem o ronronar e o miado de saudação ambos são emitidos para diminuir a distância com outros indivíduos, solicita contato e cuidado, o animal pode estar satisfeito ou até mesmo doente, como uma forma de se acalmarem. Os filhotes são capazes de ronronar logo durante a amamentação (CROWELL-DAVIS *et al.*, 2004; MARTIN 2015; SEKSEL, 2014).

São identificados 4 tipos de sons com a boca aberta e fechando gradualmente, são eles: o miado, miado longo, o chamado da fêmea e a "Mowl" (o chamado do macho). Os chamados da fêmea e do macho são comuns durante a época de acasalamento, já o miado e o miado longo são os mais comuns nas interações interespecíficas. O miado longo apresenta maior intensidade que o miado comum, e os miados variam conforme a individualidade de cada animal, e podem ter seus significados compreendidos pelos seus tutores, sejam miados solicitando comida, atenção ou até para que alguma porta seja aberta (SEKSEL, 2014).

Por fim, os sons realizados com a boca aberta constante consistem em sons agressivos como o rosnado, o gemido, o assobio e o cuspe. Os dois primeiros respectivamente costumam ser utilizados pelos gatos em situações em que estejam ameaçando ou atacando e o assobio e o cuspe em situações defensivas que se sentem ameaçados (Figura 16) (SEKSEL, 2014).

Figura 16 - Gato com boca aberta em posição constante, assobiando e cuspindo indicando estar agressivo em posição de defesa.
Fonte: GASSMANN, 2021.

8.2.4 Tátil

As formas amigáveis de comunicação tátil dos felinos consistem no allorubbing: esfregar bochechas e cabeça contra o outro (Figura 17) e allogrooming: lamber uns aos outros (Figura 18). A cabeça e o pescoço dos gatos são as regiões preferíveis para acariciá-los, muitos não apreciam que toquem em suas barrigas (CROWELL-DAVIS *et al.*, 2004).

Figura 17 - Representação de allorubbing, felinos esfregando bochechas e cabeça. **Fonte:** IDIOMA FELINO, 2021.

Figura 18 - Representação de allogrooming, felino lambendo outro. **Fonte:** IDIOMA FELINO, 2021.

9 BENEFICÍOS DA RELAÇÃO HUMANO E FELINO

Benefícios provenientes dessa relação podem ser observados desde os primeiros contatos entre ambas as espécies, através da eliminação dos roedores pelos gatos e o fornecimento de alimentação e ambiente seguro pelos humanos (DRISCOLL *et al.*, 2009). Atualmente, através de estudos constatou-se que os felinos proporcionam melhorias para a saúde humana, por meio de terapias assistidas para fins terapêuticos, com sua presença no nosso dia a dia auxiliando na diminuição do estresse e substituindo a falta de relacionamento com outras pessoas ou agregando na sociabilidade fornecendo suporte emocional (TOMASZEWSKA *et al.*, 2017; TURNER *et al.*, 2003).

Um estudo realizado com filhotes como co-terapeutas na terapia assistida para idosos, observou resultados positivos em relação ao contato entre ambos, tendo em média uma tolerância de 50 minutos de aceitação do animal de contato o humano (MATTEI *et al.*, 2015). Diversas são as doenças que podem ser auxiliadas pela terapia assistida com felinos, são elas: depressão, ansiedade, artrite, doença de Alzheimer, Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH), doenças cardiovasculares, autismo etc. Através do contato visual, tátil (carícias) e sonoro (ronronar), os gatos tem a capacidade de diminuir o estresse, tensão, sensações de solidão e mau-humor, apresentam a capacidade de reduzir o mau-humor, porém não aumentam as experiências de bom-humor (TURNER *et al.*, 2003), a interação com eles também pode reduzir a pressão arterial, aliviar a taquicardia ventricular e aumentar expectativa de vida de pacientes cardíacos e com câncer terminal. (TOMASZEWSKA *et al.*, 2017).

Acariciar esses animais pode reduzir o risco de desenvolvimento de doenças cardiovasculares e asma, pois sua pele libera íons negativos que proporcionam uma sensação de alívio, relaxamento e aceleram a recuperação (DE MEER *et al.*, 2004; TOMASZEWSKA *et al.*, 2017), pacientes com autismo, artrite e distrofia muscular são encorajados a escovar os pelos e imitar seus movimentos como forma de exercício, terapias assistidas com os gatos para pacientes com câncer aumenta a mobilidade do paciente, o relaxa e o motiva a melhorar sua saúde e bem-estar, essa terapia também pode auxiliar pacientes com Alzheimer, pois criam uma rotina e pode liberar memórias caso o paciente já tenha possuído um animal de estimação. Pacientes autistas tendem a não se adequar as características de cães, se adaptando mais aos felinos suaves e calmos a fim de deixá-los tranquilos e acomodados (TOMASZEWSKA *et al.*, 2017).

10 CONCLUSÃO

Com este trabalho identificaram-se os principais comportamentos felinos normais consideráveis aceitáveis ou não pelos humanos. Ainda foi possível, traçar a comunicação entre estas duas espécies e com isso entender melhor os vínculos realizados entre elas. Desta forma, é possível compreender melhor a interação destes animais com seus tutores permitindo uma melhor convivência entre eles.

REFERÊNCIAS

AMAT, M; CAMPS, T.; MANTECA, X. Stress in owned cats: behavioural changes and welfare implications. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 18, n. 8, p. 577-586, 2016.

AMAT, M.; MANTECA, X. Common feline problem behaviours: Owner-directed aggression. **Journal of feline medicine and surgery**, v. 21, n. 3, p. 245-255, 2019.

BEAVER, B. V. Fractious cats and feline aggression. **Journal of feline medicine and surgery**, v. 6, n. 1, p. 13-18, 2004.

BEAVER, B. V. Introduction: Animal welfare education, a critical time in veterinary medicine. **Journal of Veterinary Medical Education**, v. 32, n. 4, p. 419-421, 2005.

BEAVER, B. V. **Feline Behavior-E-Book**. Elsevier Health Sciences, 2003.

BERNSTEIN, P. L. The human-cat relationship. In: **The welfare of cats**. Springer, Dordrecht, 2007. p. 47-89.

BOWEN, J.; HEATH, S. Feline compulsive disorders. **Behaviour Problems in Small Animals**: Practical Advice for the Veterinarian Team**,** p. 177-181, 2005.

BRADSHAW, J. Behaviour of cats. **The ethology of domestic animals. 3rd ed. Wallingford**: CAB International, p. 241-254, 2017.

BRADSHAW, J. W. S. Sociality in cats: A comparative review. **Journal of veterinary behavior**, v. 11, p. 113-124, 2016.

BRADSHAW, J. W. S. **The behaviour of the domestic cat**. Cabi, 2012.

BRADSHAW, J. More than a feline. **New Scientist**, v. 219, n. 2934, p. 44-47, 2013.

BRADSHAW, J. Normal feline behaviour: and why problem behaviours develop. **Journal of feline medicine and surgery**, v. 20, n. 5, p. 411-421, 2018.

BROWN, S. The Cat. *In*: **The Cat**. Princeton University Press, 2020.

CASSANDRA, P. **Porque os gatos tremem a cauda**. 2017. Disponível em: https://animais.umcomo.com.br/artigo/porque-os-gatos-tremem-a-cauda-24953.html. Acesso em: 19 abr. 2022.

CATCLUB. **Agressividade felina**. 2014. Disponível em: https://blog.catclub.com.br/agressividade-felina. Acesso em: 15 abr. 2022.

CROWELL-DAVIS, S. L.; CURTIS, T. M.; KNOWLES, R. J. Social organization in the cat: a modern understanding. **Journal of feline medicine and surgery**, v. 6, n. 1, p. 19-28, 2004.

CURTIS, T. M. Human-directed aggression in the cat. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, v. 38, n. 5, p. 1131-1143, 2008.

DE MEER, G. *et al*. Presence and timing of cat ownership by age 18 and the effect on atopy and asthma at age 28. **Journal of allergy and clinical immunology**, v. 113, n. 3, p. 433-438, 2004.

DRISCOLL, C. A. *et al*. The taming of the cat. **Scientific American**, v. 300, n. 6, p. 68, 2009.

GALILEU. **Dezenas de gatos mumificados são encontrados em tumbas de 6 mil anos**. 2018. Disponível em: https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Arqueologia/noticia/2018/11/dezenas-de-gatos-mumificados-sao-encontrados-em-tumbas-de-6-mil-anos.html. Acesso em: 11 mar. 2022.

HALIP, J. W.; LUESCHER, U. A.; MCKEOWN, D. B. Inappropriate elimination in cats. I. **Feline practice (USA)**, 1992.

HAST, M. H. The larynx of roaring and non-roaring cats. **Journal of Anatomy**, v. 163, p. 117, 1989.

HENZEL, M.; RAMOS, D. O uso dos feromônios sintéticos na clínica veterinária comportamental. **Boletim Apamvet**, p. 17-21, 2018.

IDIOMA FELINO. **Gatos não miam para outros gatos.** 2021. Disponível em: https://idiomafelino.com/gatos-nao-miam-para-outros-gatos. Acesso em: 19 mar. 2022.

JANNIE, J. **Deusa Bastet – Mitologia Egípcia.** 2021. Disponível em: https://unebrasil.org/2021/02/11/deusa-bastet-mitologia-egipcia. Acesso em: 10 mar. 2022.

KITCHENER, A. C. *et al.* A revised taxonomy of the Felidae: The final report of the Cat Classification Task Force of the IUCN Cat Specialist Group. **Cat News**, 2017.

LAMBERSKI, N. 47 CHAPTER Felidae. **Fowler's Zoo and Wild Animal Medicine, Volume 8**, v. 8, p. 467, 2014.

LOWE, S. E.; BRADSHAW, J. W. S. Ontogeny of individuality in the domestic cat in the home environment. **Animal Behaviour**, v. 61, n. 1, p. 231-237, 2001.

MARDER, A. Managing behavioral problems in puppies and kittens. **Small Animal Behavior Friskes PetCare**, p. 15-24, 1997.

MARTIN, D. Feline behavior and development. **Canine and Feline Behavior for Veterinary Technicians and Nurses**, p. 51-69, 2014.

MATTEI, M. L. M. *et al.* Benefícios da terapia assistida por animais em idosos. 2015.

MCCUNE, S. The impact of paternity and early socialisation on the development of cats' behaviour to people and novel objects. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 45, n. 1-2, p. 109-124, 1995.

MEIER, G. W. Infantile handling and development in Siamese kittens. **Journal of Comparative and Physiological Psychology**, v. 54, n. 3, p. 284, 1961.

MENTZEL, R. E. VII. Agresividad en el gato doméstico. **Etología clínica veterinaria del gato**, p. 135.

MEUS ANIMAIS. **Como ajudar um gato a superar seus medos?** 2021. Disponível em: https://meusanimais.com.br/ajudar-um-gato-a-superar-seus-medos. Acesso em: 10 mar. 2022.

OVERALL, K. L. Normal feline behavior. **Clinical behavioral medicine for small animals.** St Louis, MO: Mosby, p. 45-76, 1997.

OVERALL, K. L. *et al*. Feline behavior guidelines from the American Association of Feline Practitioners. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 227, n. 1, p. 70-84, 2005.

PAGEAT, P; GAULTIER, Emmanuel. Current research in canine and feline pheromones. **Veterinary Clinics: Small Animal Practice**, v. 33, n. 2, p. 187-211, 2003.

PETZ. **O que é reflexo de Flehmen e para que serve?** 2022. Disponível em: https://www.petz.com.br/blog/comportamento/reflexo-de-flehmen/. Acesso em: 29 abr. 2022.

RAMOS, D. Common feline problem behaviors: Aggression in multi-cat households. **Journal of feline medicine and surgery**, v. 21, n. 3, p. 221-233, 2019.

RODAN, I. Understanding feline behavior and application for appropriate handling and management. **Topics in companion animal medicine**, v. 25, n. 4, p. 178-188, 2010.

SCHÄFER, R. G. *et al*. Principais alterações comportamentais dos gatos. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, 2021.

SEKSEL, K. *et al*. Fear, aggression, communication, body language and social relationships in cats. **European Journal of Companion Animal Practice**, v. 24, n. 3, p. 20-27, 2014.

TOMASZEWSKA, K; BOMERT, I.; WILKIEWICZ-WAWRO, E. Feline-assisted therapy: Integrating contact with cats into treatment plans. **Polish Annals of Medicine**, v. 24, n. 2, p. 283-286, 2017.

TURNER, D. C.; BATESON, P; BATESON, P. P. G. **The domestic cat: the biology of its behaviour**. Cambridge University Press, 2000.

TURNER, D. C.; RIEGER, G.; GYGAX, L. Spouses and cats and their effects on human mood. **Anthrozoös**, v. 16, n. 3, p. 213-228, 2003.

VECTEEZY. **Gato deitado do lado de fora**. 2021. Disponível em: https://pt.vecteezy.com/foto/2191093-gato-deitado-do-lado-de-fora. Acesso em: 11 abr. 2022.

VOGT, A. H. *et al*. **AAFP-AAHA**: feline life stage guidelines. 2010.

WERDELIN, L. *et al*. Phylogeny and evolution of cats (Felidae). **Biology and conservation of wild felids**, p. 59-82, 2010.